

## Um corpo para a infância

**Celeste Craveiro**

### Formas de citación recomendadas

#### 1 | Por referencia a esta publicación electrónica\*

CRAVEIRO, CELESTE (2011 [1998]). *Um corpo para a infância*. Santiago de Compostela: A.C. Amaía, colección Letras de Cal. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/385>>.

#### 2 | Por referencia á publicación orixinal

CRAVEIRO, CELESTE (1998). *Um corpo para a infância*. Santiago de Compostela: A.C. Amaía, colección Letras de Cal.

\* Edición dispoñíbel desde o 15 de febreiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.



Um corpo para  
a infância

Celeste Craveiro





Um corpo para  
a infância

Celeste Craveiro



Um corpo para a infância  
© Celeste Craveiro  
Letras de Cal

Ilustración:  
Francisco Souto

Edita:  
A. C. Amaía  
Apdo. 142, Compostela  
Galiza, novembro 1998

Imprime:  
Litosprint, S.L. - Pontevedra

ISBN: 84-922620-5-2  
D. L.: PO-318/98

A Philip Glass



sobre a morte de um rosto, digo-te por gestos as palavras que penso. às vezes necessito de cicatrizes sobre a fala. nunca reparaste nestas mãos de músico? com elas defino elementos vários. objectos decorando o corpo da casa na praia. somos dois. e trazemos presos à cintura, pássaros mortos na noite.



para quê definir os gestos? quais os ritmos de homem pobre. o olhar no vácuo. falo-te de uma criança esquecida numa memória antiga. essa infância de risos múltiplos e algas nos dedos às cinco horas da tarde. era costume chamar a tua atenção com lágrimas azuis. e corrias para mim com as mãos repletas de flores.

apenas uma sílaba a perturbar a noite. o som monótono da máquina de escrever. um poema. ou talvez sete. fazendo as vezes necessárias para chegar à tua porta, enquanto dormes. explico-te as imagens de amanhã. ficas sem perceber o incêndio real das palavras com melodia própria

sentir o cheiro das esteiras novas perfumando a casa. uma casa com tijolos de vidro, repleta de livros. sem outros espaços para respirar. sem lacunas. para que as serpentes possam habitar as sombras do frio. a casa. dentro dela vivem uma mulher e uma criança. plenas de tristezas. de incómodos vários.

ele. perdido numa cidade de triângulos. certo das reticências na época de Adão. fingidor precário em dias de nevoeiro, Sintra tornara-se o local. das atenções. nas raras palavras escritas em grego alguns eram os gestos. as magnólias descansavam-lhe o corpo transpirado. à espera dos sons da terra.

esqueço-me da existência do homem velho, na loja de brinquedos. prometi que voltava, com livros de poesia e flores vermelhas. pai. esqueci-me do parentesco. do nome. dos relógios de ferro. do chapéu preto, esqueci-me. mais uma das minhas pequenas histórias por inventar. enquanto em folhas brancas desenhava um pássaro de fogo. ou uma boneca de madeira. na memória aquela avenida do aeroporto. que outra infância?

o círculo de estanho. a maçã. as mãos frias. o metal das facas. o olhar da criança orfã. as vezes em que faço de mãe. algumas boas razões para ficar em casa a desenhar moluscos. talvez abra uma janela de pedra. e seduza uma rapariga de saia amarela. ou um rapaz de boina preta.

preciso que me ensines novas palavras. repito as imagens banais do dia-a-dia. estou cansada. preciso que me traduzas outro mar. para depois inventar outros peixes, outras algas. outras serpentes. preciso que me expliques as armas do sangue. as águas das mulheres. os escândalos do olhar.

não sei o número certo da roupa que cobre o teu corpo. um dia disseste do espaço em branco entre um navio alemão e um cais sem nacionalidade. para quê as certezas na alma de um falso deus? julgas aplaudir o fogo da dança dos lagartos. e talvez, quem sabe, o olhar do outro caia sobre ti.



durante as primeiras horas da manhã, apercebi-me de um vulto sobre o telhado da minha casa. um corvo negro. corri à procura de elementos reais que expulsassem aquele pássaro pesado das minhas costas. enchi uma mão de sal e mergulhei-a numa bacia de esmalte com água. três dias depois, recebi uma carta de África.

o ovo. a criança do chapéu preto enterrado até às orelhas. o olhar de veado assustado, sob a árvore japonesa. as mãos aqui exaustas e frias. as pedras lançadas no destino. o livro. onde as palavras se reproduzem no húmus de uma natureza morta. folhas de poesia. a cada instante, a voz. pequenos acordes de violoncelo dominando a penumbra.

depois que envelheces na fotografia, a tristeza torna-se fútil e desajeitada para uma alma de poeta. nessa terra basca onde os corpos ficam mutilados e onde as gaivotas morrem depressa, ela seduz um homem de olhos vendados. talvez não lhe tenha dito, mas perdeu a esperança de habitar o amor. suportando nas mãos um peso de luz.

encontras-te às portas do sono. procuras uma imagem de deus nos intervalos da água e das pedras. porque a felicidade é um crime. ficas a resolver questões superiores. algo de matemático. ainda o fantasma da professora de óculos. e de uma mãe. ainda rebuscas o sonho. a casa. as outras crianças da rua. os seios da terra negra: haverá outro corpo para a infância?

e outras variações sobre o cotidiano. o rosto de um homem. ela disse: olhos azuis, cabelo preto. e eu digo: olhos verdes, cabelo preto. enganou-se. não soube reparar na tua beleza. deduziu a mentira e então várias questões se colocam: o nome de um cometa. de uma escritora russa. de um pão com nozes. ou a simples opção da poesia.

não te cansas nesta cidade de aço e neste lugar de casas verdes?  
na divisão de dois territórios deixas crescer as ervas nas paredes  
do meu quintal de Sintra e de aí a Lisboa. anónima. entre os  
bustos das estátuas, num jardim descoberto às escondidas da  
criada que passeava a menina cor de rosa. anónima, esperas  
calmamente pela passagem da procissão. sabendo dialogar com  
os malmequeres.

num violento exercício. o amor. conheço-os, aos homens. alguns vivem durante séculos acariciando a terra. outros têm motivos mais egoístas e optam pela guerra. também são velhos de séculos como os primeiros. registro. existem três espécies de homens. o meu amante. o meu pai. o meu irmão mais novo. penso. conheço a criança que se move entre os limos. ferida pela loucura, rasga a pele até que a infância seja o caminho das revelações.

torna-se necessário acrescentar umas fotografias ao visual da casa. é preciso que se restabeleça a cor. e que a bebida limpe essa memória de água. às ruas oferece o desespero da escrita. só as tuas mãos de criança poderão solucionar qualquer questão mais delicada. abrigo dinâmico das asas. a carta. abrigo do frio.



sirvo-te uma bebida. o nome não interessa. o lugar de descanso  
serve este oculto desejo de possuir as almas dos peixes. foi entre  
as giestas que o teu choro de menino despertou corpos de rapa-  
rigas com cabelos até aos seios. vultos fixos numa imobilidade  
estranha, ao fim da tarde.  
quantos nomes esquecidos?

em setembro. deixaste o silêncio penetrar nas palavras ainda por dizer. talvez houvesse uma solução para esquecer os sons da guerra. mas a criança facilmente libertou um grito de animal ferido. e tu, senhor das armas, ficaste sem saber a direcção dos ventos. e nenhuma certeza te devolveu as normas da memória. dormes agora inundado de aves cegas.



Este libro rematouse  
de imprimir nos talleres de Litosprint  
cando se facían 70 anos  
da primeira asemblea das  
Irmandades da Fala



Nasci a 02 de março 1960, na bela cidade da Beira, Moçambique (África), onde tive uma infância feliz como poucos o podem dizer que tiveram. Mas devido à guerra que alterou o destino desse país, aquando da independência, vejo-me caminho de Portugal com quinze anos de idade, onde chego a 28 de março de 1975, manhã fria, tão frio o país que me acolhe que é outra a identidade que se forma em mim.

Completo os estudos, começo aos vinte anos a trabalhar e nessa ânsia de realizar e sentir coisas divinas e belas, vou fotografando o que me sensibiliza, vou escrebendo o que sinto, a poesia é a minha respiração mais vital, é uma porta para o transcendente, estou entre a rotina dos dias mas com a poesia como complemento ao banal e à futilidade de alguns que me rodeiam, como uma arma à mediocridade quotidiana. Nasce assim esta «foto-poeta», como me intitulo.

Começo por publicar (poesia e fotografia) em diversos jornais (Diário de Notícias, Jornal de Letras, Jornal de Fundão, Jornal de Chaves, Jornal de Vila Nova de Gaia, etc.), em fanzines e revistas (e aqui cito o «Mono da Tinta» da Galiza). Em 1991 realizo a minha primeira exposição de fotografia em Sintra, que me projectou nessa área, vindo posteriormente e até à data a realizar oito exposições de fotografia individuais.

Não sou feliz, profissionalmente (sou escriturária), mas sinto-me realizada na minha arte poética como «foto-poeta» e ela não poderia existir, creio, se não fosse exactamente isso, infeliz no dia-a-dia que levo trancada entre quatro paredes de um escritório, como Fernando Pessoa.

Celeste Craveiro

